

# Um Encontro de Amigos

*Este texto anda para ser publicado no RCI desde Setembro de 1994. Por motivos de força maior, só agora é possível fazê-lo. É verdade que o segundo encontro ocorrido em Londres de que nos fala o texto foi largamente ultrapassado por uma série de acontecimentos que se têm vindo a desenvolver nos últimos meses. Porém, este texto mantém uma acuidade de análise que não só não se esgota nos recentes acontecimentos, como, porventura se vem reforçando. Por isso aqui está.*

O segundo encontro de "reconciliação" ocorrido em Londres trouxe poucas novidades. Permitiu, porém, revelar com mais clareza o posicionamento dos vários intervenientes.

Embora nem sempre seja evidente aos menos atentos, uma análise retrospectiva mostra-nos que a Indonésia tem sido forçada nos últimos anos a cedências significativas na frente diplomática. Assim, foi sucessivamente levada a aceitar, em primeiro lugar, a existência dum conflito em Timor Leste (o que durante muito tempo negou); depois, o carácter não exclusivamente interno desse conflito; posteriormente, a necessidade de uma solução negociada; por fim, que os timorenses são parte interessada nessas negociações. Uma evolução notável, obtida essencialmente à custa do esforço o sacrifício dos próprios timorenses.

Sendo hoje um dado incontornável a entrada dos timorenses no processo negocial, a necessidade de criar e credibilizar interlocutores, supostamente situados no campo timorense, que lhe sejam favoráveis, tornou-se uma das prioridades da actual estratégia Indonésia. A prisão do comandante Xanana Gusmão, chefe indiscutível da Resistência, por enquanto impedido de participar no processo, facilitou esta manobra. A promoção dos encontros de "reconciliação" serve fundamentalmente este objectivo indonésio de dar corpo a "alternativas" que lhe possam ser úteis no futuro e de lhes dar crédito aos olhos da opinião pública e dos políticos. O ex-dirigente da Fretilin, Abílio Araújo, desempenha neste plano um importante papel.

## Contradições internas

Habitualmente o regime indonésio é-nos apresentado como um exemplo de solidez e monolitismo. Por vezes fazem-se distinções entre os "falcões" (invariavelmente os militares) e as "pombas" (os sectores civisistas). Na realidade, a questão de Timor Leste atravessa hoje a

sociedade indonésia de maneira tão profunda e transversal, que se nos revelam clivagens bem mais complexas.

É possível, por exemplo, que o local escolhido para os dois encontros não seja um acaso e que tenha antes a ver com o facto de o embaixador indonésio em Londres ser um irmão do Ministro da Tecnologia, J. Habibie, protegido e íntimo de Suharto e eventual candidato à sucessão presidencial. O que poderia dar força à interpretação feita em certos círculos de que o Ministro Alatas estaria por fora ou menos contra a reunião, vista como um projecto pessoal de Tutut Shuarto (seguramente com a bênção do pai).

Na própria elite pró-integracionista timorense há divergências de opiniões quanto ao alcance e utilidade destes encontros. Alguns elementos da administração local que tinham estado presentes na reunião anterior afastaram-se ou foram afastados desta. Houve críticas públicas, como as do deputado ao DPR (Parlamento de Jacarta) Salvador Ximenes, que apesar de participar se pronunciou a favor do alargamento da mesma a todos os sectores timorenses, incluindo os anti-indonésios. A ausência do padre Francisco Fernandes, presente em Dezembro, foi também entendida como um sinal de distanciamento da Igreja em relação ao processo.

## O Ovo de Garuda

A posição da Resistência face a estes encontros foi desde o início de total rejeição. Em mensagem enviada em Setembro à solidariedade australiana, Xanana Gusmão reafirma essa postura, classificando os protagonistas do encontro de "trunfos da diplomacia indonésia" e de "ovo de garuda [ave mitológica da cultura indonésia] de Alatas". Também o dirigente do CNRM no exterior, Ramos Horta, se esforçou por desvalorizar o encontro, considerando-o um "não acontecimento" e criticando qualquer possível presença de representantes das Nações Unidas.

O certo é que a ONU se fez mesmo representar em Londres. O comunicado que o porta-voz de Boutros-Ghali divulgou na altura esclarece os termos dessa presença, a título de observador, afirmando o S.G. que "é o início de uma série de consultas" e que "tenciona prosseguir consultas análogas com outros timorenses não presentes".

Resumidamente, a ONU não desautorizou totalmente o encontro (como gostaria a Resistência), mas também não o considerou (como

quereria a Indonésia) a forma privilegiada de concretização do ponto 8 do Comunicado do encontro ministerial Alatas/Barroso de 6 de Maio, em Genebra, relativo a "um diálogo intra-timorense, sem discriminações". Parece pois ter a ONU o seu próprio plano de abordagem da questão. Resta ver como irá, no futuro, conduzir este difícil processo de consultas com as partes.

## Obrigado pela invasão

Quanto às conclusões do encontro propriamente dito, elas são bastante mais explícitas que as do anterior e desfazem quaisquer dúvidas que pudessem existir em relação ao posicionamento dos participantes, nomeadamente os ditos "dirigentes no exterior". Entre os mimos literários constantes do comunicado final encontram-se referências "trágica guerra civil de 1975" (à invasão indonésia é descrita como "envolvimento a pedido") e ao "apreço e encorajamento" pela política indonésia de desenvolvimento e de promoção dos direitos humanos.

Em sítio algum se reconhece a gravidade da situação dos direitos humanos. Não há qualquer menção ao massacre de Santa Cruz. Nunca se fala no livre acesso ao território por parte de observadores, organizações humanitárias ou de direitos humanos.

Em contrapartida são feitas solicitações piedosas a Jacarta, tais como a necessidade de ser dada uma "consideração especial" à administração local e de serem introduzidas nas escolas disciplinas que contribuam para a salvaguarda dos valores culturais.

Quando há "exigências" mais ousadas, descobre-se que elas são na realidade distorcidas e recuadas. Por exemplo, ao pedir a libertação dos presos timorenses omite-se o termo "rápida", que constava na resolução da ONU aceite pela própria Indonésia. Fala-se em redução da presença militar em Timor, o que seria uma novidade interessante, mas diz-se que será "a continuação" da actual (na mesma semana em que o chefe militar de Timor Leste afirma em entrevista à BBC que não estão previstas reduções).

in "Timor Leste", Publicação mensal da Comissão para os Direitos do Povo Maubere, Setembro 1994

## Comemoração do Ano Internacional da Criança

### Multimilionários

Papas Presidentes Bispos Gerais  
Ministros Deputados Senadores  
Reis e Cardeais.

A fina flor de quem num certo mundo manda.

### Era um estranho Congresso.

Cada um subia ao pódio  
e contava as bondades que fizera  
ou projectava  
pelos Direitos da Criança.

### Alguns

tinham tanto que contar  
que se pasmavam horas a falar.

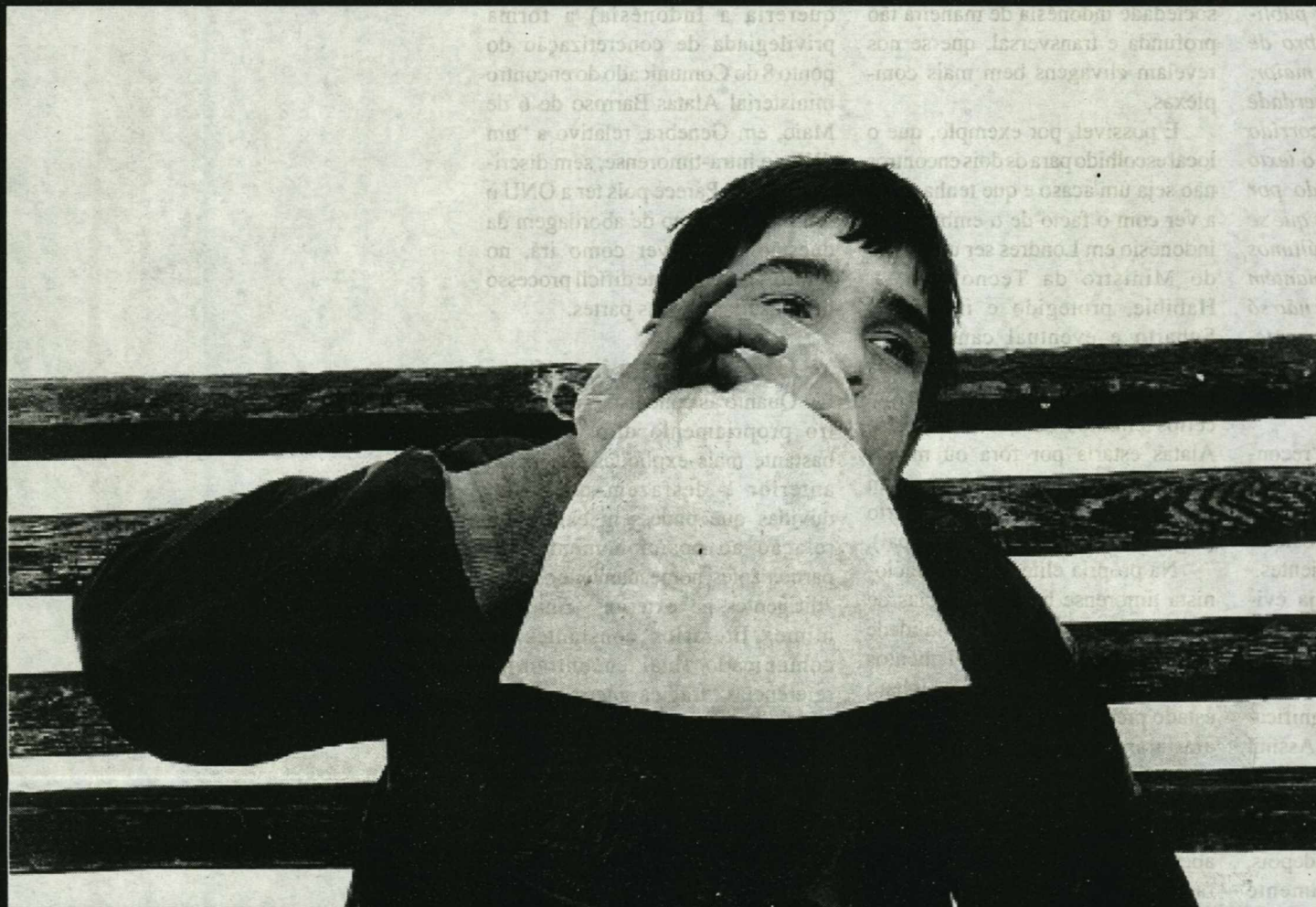
### E davam palmas e vivas uns aos outros!

Mas fora do Congresso  
e debaixo de céus sem pontas de luar  
bilhões de crianças em luta  
não paravam de gritar:

— Filhos-da-puta!  
— Filhos-da-puta!

Fernando Sylvan, poeta timorense in "A voz Fagueira de Oan Timor"

## Sobre os ciganos... (\*)



Os ciganos, que terão entrado em Portugal na segunda metade do Séc. XV, foram, desde logo, alvo de perseguições, devido à sua cultura diferente. Considerados elementos perturbadores, foram objecto de diversas medidas repressivas ao longo dos tempos.

Para citar apenas dois exemplos: D. João III proibiu, em 1526, a entrada de ciganos no reino, e ordenou a expulsão dos que cá estavam. As "Ordenações Filipinas" não só proibiam a entrada de ciganos em Portugal (bem como de arménios, árabes, persas ou mouros de Granada), como estabeleciam que, todos os que desafiassem essa proibição, seriam presos e açoitados, pena que, em caso de reincidência, seria agravada com a perda de quaisquer bens que tivessem na sua posse. Acusados de feitiçaria, os ciganos foram ainda vítimas da Inquisição.

Estes exemplos bastariam, por si só, para desmentir o mito dos tais brandos costumes e da tal tolerância para com culturas diferentes que, geralmente, se atribuem aos nativos deste rectângulo à beira-mar plantado.

Entretanto, os tempos vão mudando, diz-se que as mentalidades também, mas "ciganagem" continua a ser, em linguagem corrente, sinónimo de desonestidade, e "cigano" equivale a intrujão. Pois!...

Ultimamente, como se não bastassem já os inúmeros rótulos negativos que se têm vindo a colar à pele dos ciganos ("ladrões", etc), como um estigma, começa a generalizar-se uma outra ideia: os ciganos são os

vendedores de droga por excelência e, se um cigano é condenado por tráfico de droga, então, todos os ciganos a vendem.

Se bem se lembram, esta brilhante conclusão permitiu já a um inspirado presidente de Câmara (Ponte de Lima), arrogar-se o direito de pretender expulsar todos os ciganos do "seu" concelho, para "limpar" a área de elementos nocivos e, assim, prometia o senhor, a paz e a harmonia reinariam de novo lá na zona.

Desengane-se quem pensa que este é um caso isolado e pontual. Se ainda restassem quaisquer dúvidas, bastaria ter assistido a uma reunião de "moradores indignados", ocorrida a 16 de Setembro último, nas instalações da Junta de Freguesia da Damaia. O pretexto foi a construção, pela Câmara da Amadora, numa área que antes destinara a lazer, de instalações provisórias para os ciganos que ficaram sem as suas barracas num incêndio. Este foi o mote a partir do qual se gerou uma onda de histeria anti-cigana verdadeiramente inqualificável.

Não é agradável para ninguém ver um grupo de barracas à porta de sua casa, ou confrontar-se com o lixo e os dejectos deixados por aqueles que não têm um mínimo de condições de vida.

Menos agradável ainda é viver em barracas, sem água, sem esgoto, ou melhor, com um "esgoto" a céu aberto a passar mesmo à porta, sem ter a possibilidade de se livrar do lixo quotidiano, e vendo as suas crianças passear no meio

da porcaria, sujeitas a apanhar as doenças mais diversas.

Se calhar, a instalação de infraestruturas, ainda que mínimas, resolveria muitos problemas. Há câmaras europeias (Estocolmo, por exemplo), que apoiam inclusivamente os grupos de ciganos nómadas, limpando e dotando de condições mínimas de higiene as áreas em que se instalam temporariamente.

Entretanto, o Boletim, de Setembro, da Junta de Freguesia de Beato, publicou um artigo ligando a ocorrência de desacetos à fixação de ciganos na área ("Grupos de menores, de etnia cigana, andam a espalhar o terror pela zona"). Enquanto isso, na zona dos Olivais, de entre várias famílias desalojadas de um terreno necessário para a Expo-98, apenas os ciganos não têm garantia de realojamento.

Ainda outro (mau) exemplo, é o que já foi escrito num programa eleitoral de uma organização política, para as eleições da Junta de Freguesia da Buraca.

Todas estas atitudes demonstram que não estamos longe, antes pelo contrário, da onda de xenofobia e racismo que percorre esta Europa.

Por que nos permitimos tomar estas atitudes (ou as deixamos passar sem as denunciarmos) e, depois, ficamos muito escandalizados com o que fizeram há bem pouco, na Alemanha, a trabalhadores portugueses?

(\*) Título da responsabilidade do RCI, artigo não assinado in Boletim SOS-RACISMO. Outubro/Novembro 94, n.º 7

## Cinema e racismo

O cinema, tal como o teatro ou o romance, tem espelhado, ao longo da sua existência, o pensamento dominante na sociedade ocidental.

Instrumento inventado e desenvolvido por brancos, logo de início, num período ainda ante-ficção, o cinema, como crónica de viagem ou guerra, reflectia o olhar superficial do explorador ou do conquistador, que raramente questionava diferenças de culturas, registrando apenas o "exótico".

Depois vieram as histórias. Esquecendo as assumidas obras de

propaganda do nazi-fascismo, a atenção tem que se centrar nos milhares de filmes aparentemente inócuos que veiculavam a noção de que o "cow-boy" era um ser superior ao pele-vermelha ou que Tarzan era melhor que os negros. Fazia-o a favor da corrente. Era o que se aceitava tacitamente na época.

Quando isso começou a ser posto em causa, o cinema foi dos primeiros veículos utilizados e poderíamos evocar uma boa mão cheia de obras-primas que são verdadeiros manifestos anti-racistas.

Mas tudo ao sabor do tempo.

Quanto a mim o que é verdadeiramente importante? Isto: à medida que o cinema se torna também um meio de expressão de africanos ou asiáticos, transforma-se finalmente num instrumento de luta contra o preconceito racial. Não tanto porque conte comovedoras histórias de injustiças originadoras de tomadas de consciência, mas principalmente por fazer o intercâmbio de ideias e evidenciar o que verdadeiramente distingue brancos, pretos ou amarelos: (a cultura de cada um deles).

Luís Filipe Costa, Realizador